

A influência estoica na moral de Descartes e as críticas de Elisabeth da Boêmia aos preceitos do filósofo.

Rafael Teruel Coelho

Doutorando em Filosofia na USP

<http://lattes.cnpq.br/9540578217512846>

teruel@usp.br

123

Não há dúvidas de que Elisabeth da Boêmia, uma das mais célebres correspondentes de Descartes, era uma nobre desventurada e melancólica, cuja família encontrava-se, à época de sua troca epistolar com Descartes, assolada pelas consequências da Guerra dos Trinta Anos. Embora a sua correspondência com o filósofo tenha sido inaugurada por um problema metafísico (AT III 661), a principal preocupação de Elisabeth era de cunho essencialmente moral, cujo cerne repousava sobre a necessidade de encontrar os meios de se tornar feliz.

Para aconselhá-la, Descartes recorre aos preceitos morais peculiares ao estoicismo, de modo a conduzir Elisabeth ao alívio de seus sofrimentos físicos e psíquicos. Para o filósofo, uma vez que as indisposições orgânicas de Elisabeth (como a melancolia, a tosse seca e a febre lenta) eram causadas pelo modo como ela lidava com os acontecimentos trágicos que atingiam a sua família, a terapêutica mais eficaz a lhe ser administrada seria de cunho moral. Assim, iluminado pela moral do Pórtico, Descartes encoraja Elisabeth a não se deixar abater pela tristeza e pelo sofrimento, a cultivar o alto domínio peculiar às almas maiores e fortes e, também, a procurar contentar o seu espírito unicamente com a força de suas virtudes, não obstante as desgraças da fortuna a perseguir a sua casa (AT IV 201).

Portanto, nos é claro – assim como para Brochard (1954) – que a correspondência de Descartes e Elisabeth é constantemente marcada pelo estoicismo. Todavia, Elisabeth argumenta que, não obstante o fato de não depositar a sua felicidade naquilo que depende do destino, fazendo-se feliz ou infeliz mediante a ocorrência de coisas boas ou ruins, enquanto ela não testemunhasse a melhora da condição social de sua família, ela não deixaria de conceber os acontecimentos que a rodeiam sob a ótica do mal, e, sendo assim, continuaria triste e doente (AT IV 209).

É justamente por isso que Perler (2021), ao analisar as críticas da princesa da Boêmia aos conselhos neo-estoicos de Descartes, argumenta que, aos olhos da monarca, diferentemente da opinião cartesiana e estoica, a felicidade não depende unicamente das virtudes de nossa alma, mas está condicionada aos eventos exteriores a nós. Nesse sentido, ao criticar as linhas mestras da terapêutica moral proposta por Descartes, Elisabeth censura igualmente sua base eminentemente estoica. Portanto, nesta comunicação, pretendemos analisar detalhadamente as objeções da princesa da Boêmia à moral de Descartes e, conseqüentemente, aos preceitos estoicos que a perpassam e influenciam.

Palavras-chave: Descartes. Estoicismo. Moral. Elisabeth da Boêmia

Bibliografia

BROCHARD, V. *Études de philosophie ancienne et de philosophie moderne*. Paris: Vrin, 1954.

DESCARTES, R. *Oeuvres de Descartes (AT)*. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery, 12 vols. Paris: Vrin, 1996.

PERLER, D. Is Our happiness up to us? Elisabeth of Bohemia on the limits of internalism. In: EBBERSMEYER, S. & HUTTON, S. *Elisabeth of Bohemia (1618-1680): a philosopher in her historical context (Women in the History of Philosophy and Sciences)*. Switzerland: Springer, 2021.